

Jiu-jítsu na EPG Manuel Bandeira

Everton Arruda Irias

EPG Manuel Bandeira

A tematização que aqui será descrita aconteceu no segundo semestre de 2019, na Escola da Prefeitura de Guarulhos Manuel Bandeira, e envolveu as turmas de 4º e 5º Anos. A escola está situada no bairro Alvorada, na cidade de Guarulhos, e faz parte da rede municipal de ensino.

Retornando do período de recesso escolar, começamos, os(as) alunos(as) e eu, a pensar em possibilidades de temas para estudo. Para tanto, conversamos sobre as práticas corporais acessadas por durante o período que estiveram ausentes da escola, fossem aquelas que praticaram, observaram no bairro ou assistiram na televisão, internet, etc. As manifestações citadas foram organizadas em um quadro e, na aula seguinte, passamos a olhá-lo com mais atenção. Os(as) alunos(as) expuseram seus conhecimentos e representações sobre as danças, lutas, ginásticas, esportes e brincadeiras que estavam relacionados no quadro.

Vale aqui salientar alguns aspectos importantes: no primeiro semestre, os temas de estudo foram parkour e brinquedos sobre rodas e, nesse ano, a escola tinha como Projeto Estruturante o tema “A humanidade e suas tecnologias”. A E.P.G. Manuel Bandeira, dentre diversas práticas pedagógicas que fizeram-na ser “caracterizada” como “Escola Inovadora”, adotou os ‘Projetos Estruturantes’ para orientar as atividades didáticas propostas por cada professor e cada professora em suas aulas. O tema do projeto é definido e discutido no início do ano letivo pelo grupo docente, que busca adotar uma prática de mapeamento das práticas culturais da comunidade para orientar a definição.

Tendo em vista todos estes aspectos (falas dos/as estudantes, tematizações já realizadas, projeto da escola), partimos para a tematização do jiu-jítsu. Deixo marcado aqui que a princípio fiquei bastante angustiado pelo fato de não conseguir identificar relações entre o tema definido para estudo e o tema do Projeto Estruturante, mesmo assim, iniciamos a tematização aguardando o que poderia aparecer durante o processo.

Assistimos a vídeos mostrando ocorrências sociais do jiu-jítsu. Fiz questão de levar três vídeos, mostrando corpos diferentes lutando (homens¹, mulheres², crianças³), assim como modalidades diferentes da luta (jiu-jítsu com quimono e jiu-jítsu sem quimono⁴). Estimuladas pelas imagens, as crianças expuseram seus saberes referentes à luta. Registramos as falas para que pudessem, de alguma forma, orientar as ações posteriores.

Gestos	Regras	É depois retornam na mesma posição
- Cumprimento	- Tem um Juiz	- Tem times
- Rolando no chão	Para separar os lutadores	- Não pode socos e nem chutes, nem mata teão
- Deixar a Pessoa presa no chão	- Sem tênis	
- Triângulo	- Limite de espaço	
- Guarda	- ao terminar o round ambos separam	



Além disso, coletivamente pensamos em formas de vivenciar a luta. A partir desta organização fizemos a primeira vivência da mesma. Montamos o tatame (contendo quatro peças grandes) e alguns/algumas estudantes se prontificaram a lutar. Preferimos fazê-lo com uma dupla de cada vez, enquanto o restante da turma observava e analisava o que acontecia. A princípio, para as turmas, o objetivo da luta era tirar o(a) oponente para fora do tatame. Pouquíssimos(as) alunos(as) quiseram participar das lutas num primeiro momento, entretanto, observaram as lutas dos(as) colegas e apontaram problemas e deram conselhos para quem estava lutando.

Solicitei então que buscassem na internet ou com pessoas conhecidas que praticam jiu-jítsu, qual era o objetivo da luta ou, melhor dizendo, como terminava um combate. Na aula seguinte, algumas poucas crianças que conseguiram realizar a pesquisa socializaram

¹ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=A_aR7Hw0ASQ

² Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=OPGcer3_trk

³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=plnP9qtCmjU>

⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NFZDb1bjqco>

com os(as) colegas os resultados. Percebemos, então, que a luta não acabava se o oponente fosse retirado do tatame, mas sim, imobilizando o oponente, realizando torções que o fizessem desistir ou quando acabasse o tempo. Com relação à desistência do(a) lutador(a), algumas crianças disseram que isso ocorre quando um(a) deles(as) bate com a mão no chão. A partir dessas informações, reorganizamos coletivamente a luta. Uma quantidade maior de crianças dispôs-se a lutar. Para possibilitar a vivência de mais estudantes, fizemos a divisão do tatame em duas arenas. A escola não possuía mais peças de tatame. O que acabou acontecendo é que, muitas vezes, a luta era levada para fora do espaço destinado. Todavia, através de combinados entre os(as) próprios(as) alunos(as), logo que saíam, paravam a luta e retornavam ao tatame.

Vale destacar também que os(as) estudantes alertaram quanto à necessidade de um juiz/árbitro na luta. As próprias crianças se encarregaram de arbitrar as lutas e de marcar o tempo.



Nas aulas seguintes, passamos a conhecer as técnicas do jiu-jítsu, através da assistência a vídeos e análise de imagens. Uma vez conhecida, a gestualidade era, na sequência, experimentada. Tendo em vista a dificuldade de algumas movimentações e o excesso de detalhes, as crianças acabavam recriando tais golpes da maneira que lhes era

possível. Em alguns momentos eu mesmo tentava dar algum suporte, mesmo não sendo lutador de jiu-jítsu, apenas estudando os vídeos juntamente com as crianças. Desse modo, praticamos as formas de amortecer as quedas, projeções, técnicas de imobilização, finalizações.



Buscando nos inteirar acerca da organização do jiu-jítsu desportivo, fizemos a leitura das regras disponíveis no site da Confederação Brasileira de Jiu-jítsu⁵. Foi o que permitiu reorganizarmos coletivamente a forma como ocorria o combate, o que levou os(as) estudantes a adotarem a seguinte proposta: tempo de dois minutos para cada luta e mesmo que um(a) dos(as) alunos(as) conseguisse finalizar seu/sua oponente antes disso, a luta reiniciaria até terminar o tempo limite. Ademais, solicitei que evitassem o golpe “mata-leão”, a fim de que não se machucassem. Outra proposta de modificação da vivência surgiu por meio de uma conversa com um lutador de jiu-jítsu. Esse lutador, ainda adolescente, me disse que quando as pessoas estão começando na luta, na academia onde treina, elas começam

⁵ Disponível em <https://cbjj.com.br/regras/>

o combate ajoelhadas para evitar possíveis torções em ombros e punhos durante as quedas, até o momento em que estejam mais seguras nos amortecimentos. Adotamos essa orientação nas nossas lutas também.

Durante uma das aulas, um dos alunos, após ser imobilizado repetidas vezes por seu colega, afirmou que “era quase impossível superá-lo, porque ele era mais velho e mais forte”. Na aula seguinte socializei o comentário, a fim de que pudéssemos conversar mais sobre as nossas práticas e sobre a definição das duplas que iriam realizar os combates. Alguns alunos e algumas alunas disseram que sentiam diferença em lutar com pessoas maiores que elas ou mais pesadas. Conversamos, então, sobre as divisões e categorias existentes no jiu-jítsu, que variam de acordo com a cor da faixa, o peso e a idade do(a) lutador(a). Solicitei, então, que nas lutas futuras, os(as) estudantes atentassem às dificuldades ou facilidades que sentiam ao lutar com cada colega de turma.

Em dado momento do trabalho, observamos, através de imagens, a gestualidade do árbitro⁶, procurando interpretar o significado de cada gesto nas lutas. Vale salientar que os(as) estudantes também perceberam gestos realizados por lutadores(as) e que não se referiam propriamente aos golpes como, por exemplo, o cumprimento feito no início do combate e as batidas no chão para desistir. Alguns gestos dos árbitros e dos(as) lutadores(as) foram incorporados pelos(as) estudantes durante a prática.

Conseguimos, também, fazer algumas lutas utilizando quimonos emprestados pela gestão de outra escola onde atuo. A escola também possuía alguns agasalhos que estavam há muito tempo armazenados na seção de “achados e perdidos”, então, aproveitamos para utilizá-los como “quimonos” em nossas lutas. Fizemos algumas rodas de conversa para que as crianças pudessem expor como era, para elas, fazer a luta usando o quimono. Além disso, acessamos alguns materiais impressos⁷ que explicavam o que era o quimono, de onde havia se originado, como foi se transformando, qual o papel da tecnologia nessas transformações, e se existiam diferenças nos quimonos presentes nas diferentes lutas.

⁶ Disponível em <https://cbjj.com.br/regras/>

⁷ Disponível em <https://bjjfanatics.com.br/blogs/news/voce-sabe-como-surgiu-o-kimono>



Tendo em vista que, na turma do quarto ano, algumas meninas não vivenciavam a luta, propus uma roda de conversa para discutirmos o assunto. Algumas delas disseram não se sentir à vontade lutando e também que não tinham muita proximidade com a luta, preferiam ficar apenas observando. Outras explicaram que não se sentiam bem lutando com meninos, que preferiam lutar apenas com meninas. Após tais explanações, repensamos a organização das nossas aulas, buscando sugerir outras funções e ações para aquelas e aqueles que não se sentissem à vontade para lutar, e também deixar a cargo de cada estudante decidir com quem gostaria de lutar.

Fizemos a leitura de um breve texto⁸ explicitando algumas transformações sofridas pelo “ju-jutsu” até a versão brasileira atual “jiu-jítsu”, que ganhou características próprias, percebendo assim que tal prática corporal nem sempre foi da maneira como a conhecemos.

⁸ Disponível em <http://tpa.sapo.ao/desporto/outras-modalidades/a-historia-do-jiu-jitsu-ate-aos-nossos-dias-contada-pelo-brasileiro-diogo-valenca#:~:text=Apesar%20de%20se%20tornar%20mais,de%20dois%20mil%20anos%20atr%C3%A1s.&text=O%20Jiu%20Jitsu%20chegou%20a,como%20crime%20de%20lesa%20p%C3%A1tria.> e <https://jiu-jitsujudo.webnode.com.br/historia/>

Simultaneamente, propus a leitura de imagens que pudessem elucidar ou exemplificar algumas informações contidas no texto. Dando continuidade à proposta, assistimos vídeos que mostravam o jiu-jítsu enquanto defesa pessoal, prática bastante diferente daquela vista até o momento. Por meio do título de algumas reportagens⁹ que afirmavam que o número de mulheres praticantes havia aumentado no Brasil, iniciamos um debate sobre o fato, e algumas crianças se posicionaram dizendo que “isto acontece porque as mulheres estão sendo agredidas por seus maridos ou namorados”. Como forma de estimular as manifestações a esse respeito, perguntei à turma se era realmente necessário que as mulheres tivessem que aprender alguma luta para se defender ou os homens que deveriam parar de agredir as mulheres. Tal questão levou a novos posicionamentos, em sua maioria afirmando que os homens deveriam mudar seus pensamentos e suas ações.

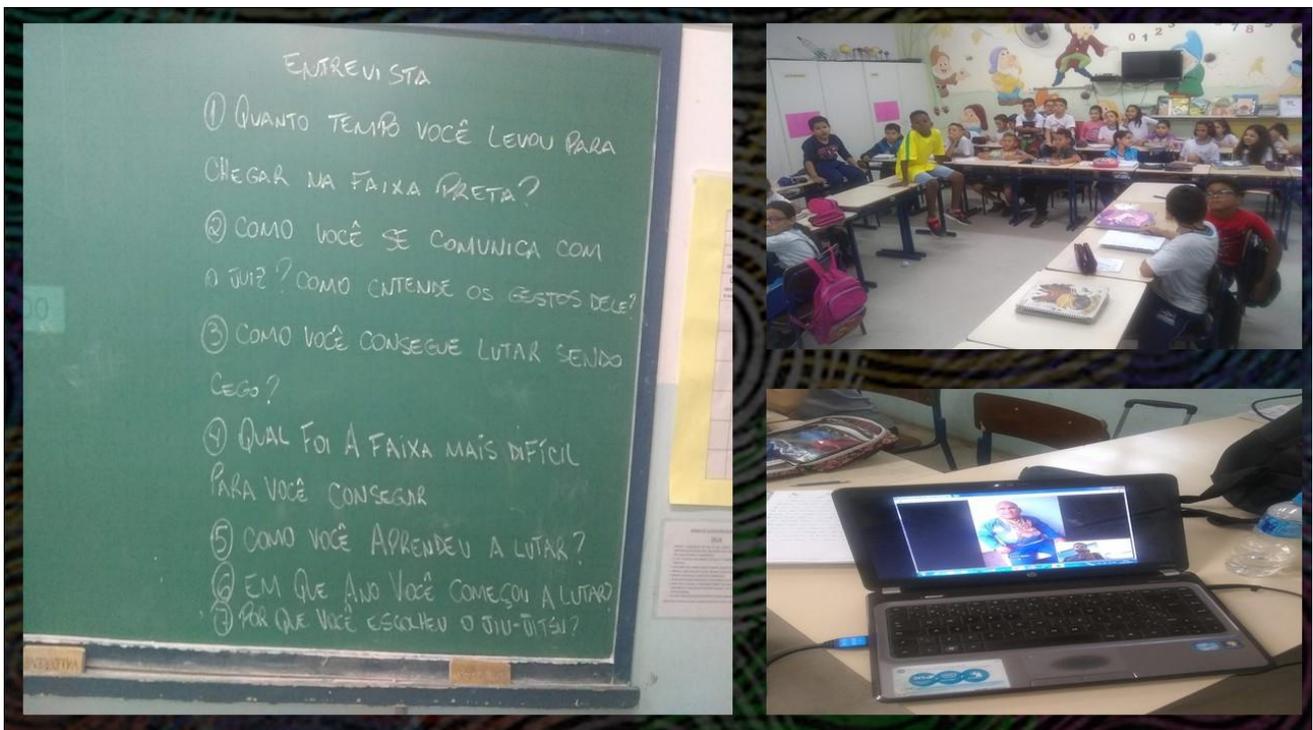
Utilizando os netbooks da escola, os(as) estudantes puderam analisar e reproduzir alguns gestos do jiu-jítsu enquanto defesa pessoal. Novamente, dado os detalhes da gestualidade envolvida, as crianças acabaram fazendo as suas próprias criações gestuais.

Como encaminhamento final da tematização, começamos a pensar em alguma produção que pudesse deixar registrado alguns pontos do estudo, assim como fomentar a socialização dos conhecimentos acessados. Com a proximidade da Mostra de Projetos que ocorre anualmente na escola, propus a elaboração de podcasts que pudessem ficar expostos durante o evento, a fim de que outras pessoas entrassem em contato com o material estudado. Agrupadas, as crianças registraram no caderno, inicialmente, alguns conteúdos que havíamos discutido e experimentado, assim como outras informações que consideravam importante veicular. Numa das aulas, cada grupo gravou seu podcast utilizando o meu celular, ou o celular dos(as) próprios(as) alunos(as), tendo em vista que estavam trazendo o mesmo para escola para o desenvolvimento de outro trabalho com outra professora.

Entretanto, entre as aulas de preparação e elaboração dos podcasts, resolvi ir atrás de algum praticante de jiu-jítsu que pudesse conversar conosco, compartilhar suas experiências. Visitei duas academias do bairro onde acontecem aulas da luta que estávamos tematizando, entretanto não consegui um retorno positivo quanto à disponibilidade de algum praticante ir à escola, tendo em vista que as aulas na academia aconteciam a noite e as

⁹ Disponível em <https://www4.redetv.uol.com.br/blog/faixapreta/cada-vez-mais-feminino-jiu-jitsu-abre-espaco-para-mulheres-no-mundo-da-luta-saiba/> e <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/vida-fit/2016/03/31/jiu-jitsu-para-mulheres>

nossas aulas eram no período da tarde. Tentei, também, trazer uma aluna e um aluno do período da manhã, ambos irmãos praticantes, para que pudessem vir um dia à tarde conversar conosco. Todavia, mais uma vez, alguns empecilhos impediram a realização da atividade. Num dos momentos de pesquisa e elaboração do plano de aula semanal, tomei contato com alguns vídeos do lutador de jiu-jítsu Luciano Jatobá, um lutador cego, bastante conhecido no Brasil. Resolvi entrar em contato com ele por meio de uma rede social e obtive um primeiro retorno. Depois de alguns momentos de conversa, ele, bastante solícito, se mostrou disposto a conversar com a turma, entretanto, tal conversa teria que acontecer à distância, já que ele morava no Rio de Janeiro. Pensamos em algumas estratégias e, numa das aulas, por meio de uma chamada de vídeo, as crianças conseguiram entrevistá-lo e fazer perguntas: “Quanto tempo você demorou para chegar na faixa preta? Como você se comunica com o juiz? Como entende os gestos dele? Como você consegue lutar sendo cego? Por que você escolheu o jiu-jítsu?”. Vale salientar que antes da entrevista assistimos alguns vídeos das lutas de Luciano Jatobá e elaboramos as questões que seriam feitas inicialmente, entretanto, novas perguntas surgiram no momento da entrevista.





Posteriormente, conseguimos ainda realizar uma roda de conversa relembrando alguns pontos da entrevista e discutindo algumas falas do lutador Luciano Jatobá.

Lançando um olhar sobre o processo, percebo que apesar de inicialmente não identificar relações entre o tema das aulas e o tema do Projeto da escola, a tecnologia subsidiou muitas das ações didáticas realizadas no trajeto de maneira a se tornar parte essencial no trabalho, seja no que diz respeito à utilização dos netbooks, na chamada de vídeo realizada, nos podcasts gravados etc.

Apesar deste relato aparentar uma experiência única, destaco que o trabalho teve nuances diferentes nas duas turmas envolvidas de maneira que as rodas de conversa, as atividades didáticas descritas e as falas dos(as) estudantes se deram de maneiras distintas em cada turma.